

## O CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NOS TEXTOS DIDÁTICOS

Ana Cristina SALVIATO-SILVA

Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino-FAE

anasalviato@fae.br

**RESUMO:** O trabalho ora proposto resulta de reflexões desenvolvidas ao longo de nossa trajetória acadêmica e, mais recentemente, profissional. Trata-se da observação do trabalho docente e na recepção discente acerca da construção do sentido no processo de escrita. Mais especificamente, a partir do tema “Noções de Sustentabilidade”, serão analisados os textos didáticos que, de alguma forma propõem reflexões a respeito do conceito de desenvolvimento sustentável e redações escolares com propostas neste tema. Para isso, a pesquisa utilizará o conceito de noção proposto pela Teoria das operações predicativas e enunciativas, de Antoine Culioli. O linguista concebe a linguagem como uma atividade de produção de significação desenvolvida por interlocutores em interação, a qual manifesta-se por meio da língua. A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas propõe um estudo de língua baseado na articulação entre esta e os processos de linguagem, resultando em uma gramática de produção linguística. Neste sentido, o processo de produção da escrita se dá de forma dinâmica e se deixa compor de diferentes maneiras para se chegar ao sentido que se quer criar. Será ainda utilizado, para fins de organização temática, algumas técnicas da análise de conteúdo, de modo que a temática da Sustentabilidade seja melhor visualizada no decorrer da pesquisa. Os resultados da pesquisa apontarão para dois caminhos importantes no contexto escolar: o primeiro, voltado para o processo de produção textual, mostrará propostas de cunho linguístico que ajudarão o professor no desenvolvimento dos temas de redação, oferecendo possibilidades de agregar o ensino de redação à reflexão acerca da língua e da linguagem. O segundo, de cunho social, mostrará o papel dos textos didáticos na divulgação do conceito de Desenvolvimento Sustentável, colocando em questão a maneira como este conceito tem chegado até o aluno e a profundidade teórica e científica dos textos em questão.

Palavras-chave: noção; desenvolvimento sustentável; livro didático.

A palavra ecologia é um neologismo criado em 1866, por Ernest Haeckel, naturalista alemão. Sua intenção era substituir o termo biologia – considerado por ele um termo muito restrito – por ecologia, “ciência da economia, do modo de vida, das relações vitais externas aos organismos” (apud BONFIGLIOLI, 2004, p.2). Desde então, ecologia passou a significar “ciência do habitat”, estudo das relações entre os seres vivos e entre estes e o meio ambiente.

O aparecimento da palavra ecologia e a crescente preocupação com a proteção e o cuidado do ambiente natural viria a se transformar em um dos discursos políticos de maior influência a partir da segunda metade do século XX: o discurso ecológico.

Esse discurso começou nos Estados Unidos do pós-guerra:

(...) quando os conflitos dentro da sociedade americana começaram a invadir as salas de pesquisa dos ecólogos, não importando quão escondidos estavam em suas torres de marfim, Rachel Carson iniciou o movimento ambientalista com seu livro sobre os efeitos dos pesticidas e os ecólogos foram solicitados a testemunhar de ambos os lados do debate que se seguiu [...] O uso de pesticidas pelos seres humanos perturbou de maneira fundamental a ordem natural do mundo. O assunto passou a ser uma questão moral. O ecossistema, e às vezes, a ecologia, estavam sendo perturbados e os homens estavam em perigo por destruir um sistema do qual dependiam. (GOLLEY, 1993, apud BONFIGLIOLI, 2004, p. 3).

O discurso ecológico, em sua prática como linguagem, como mediação para simbolizar o ambiente natural, desdobrou-se em discurso político – o ecologismo – que reorganiza sentidos e inaugura uma outra prática discursiva, a da ecologia política. Assim, percebe-se que a questão ambiental não é puramente uma questão de ‘ecossistema’, mas o resultado de uma interação entre este e as atividades humanas. A visão da natureza como provedora do homem é modificada. Tem-se agora a concepção de que a responsabilidade pelo equilíbrio vem do homem para a natureza.

Essa nova prática social passa a ser marcada pela necessidade do estabelecimento de regras, acordos e limites para a intervenção do homem na natureza, a fim de manter a qualidade de vida para o presente e para as futuras gerações. Assim, a partir da década de 70, surgem os primeiros documentos e fóruns internacionais para a discussão do problema do impacto humano no meio ambiente: o Clube de Roma, a criação do PNEUMA (Programa das Nações Unidas para o meio ambiente), a convenção de Estocolmo, a Eco92 e as várias convenções e tratados voltados para o tema..

Segundo Bonfiglioli, esses fóruns institucionalizaram o discurso ecológico e o legitimaram, pois passaram a levar o tema às instituições sociais que de fato são responsáveis por agir em nome da população, ou seja, “o lugar oficial de onde o discurso ecológico passa a ser proferido” (2004, p. 4)

A partir da década de 70, iniciou-se uma modificação do alcance dessa prática discursiva graças à evolução tecnológica dos meios de comunicação de massa. Os conceitos e noções da questão ambiental – até então restritos ao governo e à ciência – são popularizados e trazidos para o público geral. A relação de dependência que o homem tem da natureza começa a ser vista como uma relação de causa e efeito devido ao papel ‘democratizante’ da divulgação dos discursos atribuído às mídias.

Segundo Guatari,

A ecologia só deixou de ser assunto de alguns poucos círculos a partir do momento em que as agressões ao meio ambiente, como a poluição atmosférica, a destruição das florestas, a ameaça à camada de ozônio, os acidentes nucleares, apareceram para a opinião pública como importantes atentados à sobrevivência da humanidade. Nos anos 80, uma reviravolta nas mídias de massa, já então sensibilizadas por estas questões, contribuiu para o aumento do público dos movimentos de ecologia política (2000, p. 15 apud. BONFIGLIOLI, 2001).

A questão ambiental ganha vozes diversas nesse espaço público representado pela mídia. Consequentemente, novos sujeitos do discurso ecológico passam a ser legitimados, como as entidades ambientalistas, governos e agências ambientais, entidades do setor privado,

cientistas e tecnólogos. Todos eles, por meio da mídia, mobilizam o discurso ecológico organizando-o, reorganizando-o e dando novos significados em vista da realidade econômica e política dos países.

### O Conceito de Desenvolvimento Sustentável

No início da década de 80 a ideia de conciliar desenvolvimento econômico e conservação ambiental ainda era obscura. Embora muito citado, o termo “uso racional de recursos naturais” não era bem compreendido, pois, apesar do crescente conhecimento científico a respeito do funcionamento dos ecossistemas, não havia muita noção de como aplicá-lo no modelo conceitual de mundo moderno.

Questões como o problema do aquecimento global, a destruição da camada de ozônio, chuva ácida, desertificação entre outros surgiram acenando ao mundo um cenário apocalíptico para o qual o mundo ainda não havia se voltado. Nesse cenário, surge a Comissão de Brundtland, presidida pela ex- primeira ministra da Noruega Gro Harlem Brundtland e da qual fazia parte o brasileiro Paulo Nogueira Neto, então titular da Secretaria Especial de Meio Ambiente. A Comissão, criada pela ONU em 1983 propôs-se a apresentar uma agenda global para a humanidade enfrentar os principais problemas ambientais no planeta e assegurar o progresso humano sem comprometer os recursos das futuras gerações. Foi no relatório da Comissão Brundtland que a expressão “desenvolvimento sustentável” entrou em circulação e questões antes consideradas do âmbito ambiental passaram a ser geridas no âmbito da sustentabilidade.

O conceito de desenvolvimento sustentável estendido às questões econômicas e sociais parte do princípio de que os atuais esforços para manter o progresso humano, para atender às necessidades humanas são insustentáveis, uma vez que retiram recursos ambientais demais a um ritmo acelerado de modo que no futuro não poderão esperar outro resultado, senão o esgotamento. Assim, desenvolvimento sustentável é “aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem suas próprias necessidades” (ALMEIDA, ?, p. 25).

Mais de trinta anos depois, perguntamos: como a noção de sustentabilidade chega à sociedade? Hoje este conceito faz parte do planejamento de governos e empresas, interferindo na gestão e no desenvolvimento econômico, apesar de ainda enfrentar muitos desafios. E na escola, como tem sido a apresentação desse tema?

Mais de trinta anos depois, perguntamos: como a noção de sustentabilidade chega à sociedade? Hoje este conceito faz parte do planejamento de governos e empresas, interferindo na gestão e no desenvolvimento econômico, apesar de ainda enfrentar muitos desafios. E na escola, como tem sido a apresentação desse tema?

A sustentabilidade também tornou-se uma das diretrizes no ensino e tem sido divulgada nas escolas por meio de projetos que visam a conscientização ambiental – preservação das matas, uso consciente da água - ; a adoção de hábitos sustentáveis, como a reciclagem do lixo, entre outros.

Este trabalho visa observar como o conceito de desenvolvimento sustentável tem sido trabalhado nos textos escolares, ou seja, identificar os meios linguísticos pelos quais a noção de sustentabilidade tem adentrado na escola.

Pretende-se identificar do ponto de vista linguístico o âmbito da noção de sustentabilidade, uma vez que tem sido traduzida de forma ampla e genérica. A sustentabilidade está relacionada ao conceito de sobrevivência, de luta pela preservação da vida, seja em face dos enfrentamentos naturais ou do desenvolvimento tecnológico desenfreado. O conceito de sustentabilidade hoje não está mais apenas atrelado a questões ideológicas, mas é visto como uma resposta à comprovação científica de que o aquecimento do clima, o aumento da desertificação, o desaparecimento de cursos d' água, assim como a miséria e a violência atingem patamares inviáveis para a manutenção da sociedade local e mundial.

Assim, delimitar linguisticamente esse conceito é um desafio importante para que a questão seja trabalhada de modo objetivo; para que o aluno tenha conhecimento formal da questão e possa ser capaz de refletir e questionar por meio de recursos da linguagem a respeito da concepção de sustentabilidade, fugindo de generalidades, da fala fundamentada no “politicamente correto”, porém desprovida de comprometimento.

Nesse sentido, estudar a noção de sustentabilidade por meio da Teoria das operações predicativas e enunciativas (TOPE) é inserir o sujeito no centro da questão linguagística, considerando o processo de leitura e produção textual como a própria formação do indivíduo.

Para compreender melhor a TOPE

Foi Benveniste, com sua Teoria da enunciação, que introduziu nos estudos linguísticos a ideia de ocupar-se também das condições de emprego da língua, colocando no cerne dos estudos o sujeito da linguagem. Segundo ele a enunciação trata-se do *colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização* (1989b, p. 82). Em relação ao processo significativo, Benveniste evidenciou a existência de uma dinâmica entre as unidades e seus contextos, cuja explicação seria feita em referência a certo número de princípios definidos que não puderam ser buscados, tantas eram as suposições e possibilidades de descobertas naquele momento.

Dentre os autores contemporâneos que, retomando a tese benvenistiana de que a variação semântica de uma unidade linguística responde a um funcionamento, visando a compreender os princípios que a sustentam, está o linguista francês Antoine Culioli. O professor Culioli vem sendo considerado um dos grandes nomes da linguística contemporânea e vem inspirando uma geração de linguistas. Sua Teoria das operações predicativas e enunciativas constitui uma visão original, em contínua construção e constantes ajustes, visando a apreender as operações da linguagem por meio da diversidade das línguas naturais. Sua teoria não se contenta na descrição dos produtos languageiros, mas prioriza a compreensão das operações que os conduzem. Atentando para o rigor epistemológico, Culioli alerta os linguistas modernos para os enganos da modelização e da formalização fundamentada, sobretudo, nas categorias.

Enquanto a enunciação para Benveniste prioriza a maneira pela qual o sujeito enuncia, Antoine Culioli, na teoria das operações predicativas e enunciativas, considera a enunciação como um processo de constituição de um enunciado, ou seja, um ato de construção.

Para a construção de sua teoria, Culioli fixa alguns princípios acerca da relação língua e linguagem. Ele propõe procurar o dado linguístico como resultado de uma articulação entre linguagem e línguas. Para isso, define a linguística como ciência que estuda a linguagem por meio da diversidade das línguas naturais.

Segundo Rezende (2001), Culioli amplia enormemente o campo de estudo da linguística ao introduzir a heterogeneidade. Trata-se da busca da especificidade linguística dentro dessa heterogeneidade, o que exige que uma articulação seja feita entre domínios não homogêneos.

Culioli propõe uma teoria dos observáveis, antes mesmo de uma teorização do que foi observado, colocando, desde o início, um conceito de linguagem:

Uma síntese que se define exatamente como possibilidade de explicações de processos analíticos, ou um todo que contém em si a explicação da parte e vice-versa; um processo de análise que se define como possibilidade de construir sínteses, ou uma definição da parte que contém em si o todo. (REZENDE, 2000, p. 89).

Dessa forma, o dado linguístico está clivado entre a língua e a linguagem. A linguística, derivada desse conceito de linguagem não estaria procurando o todo, os universais, as invariantes e não estaria também propondo um estudo do particular, como processos aleatórios. A proposta é clivar essas duas ordens: procurar as invariantes processuais responsáveis pela variação. Se a linguagem for definida como atividade, como trabalho de elaboração de representações, ela será eminentemente prática, uma forma processual e construtora de síntese e análise e, ainda, inata ao homem. Por outro lado, não há acesso a essa hipersintaxe, responsável pelos contornos dos objetivos linguísticos – a sintaxe e a semântica em um sentido clássico. Um dos meios de se ter acesso a essa forma construtora é o das expressões verbais dos indivíduos. Isso implica, necessariamente, o diálogo, a alteridade e as questões relacionadas a eles. Assim, é possível verificar que a constituição do eu (identidade) inicia-se com o outro (alteridade) e o extremo-outro-social (história, mundo físico etc) se interioriza e o interno-eu-psicológico (emoções, afetividade, gostos, atrações etc) se exterioriza (2000, p.90). É em razão desse diálogo (eu e o outro) que a linguagem pode ainda ser definida como uma atividade de representação, referência e regulação, passível de ser vislumbrada por meio das línguas, pois em relação com a linguística, é essa atividade que constrói a significação (Culioli, 1976, p.7). Passamos por meio de línguas (sistema de representação), sínteses experienciais que foram construídas ao longo de gerações. Apesar da autonomia e da precedência de origem, a linguagem (forma) só pode ser estudada e também só se desenvolve por meio de sistemas de representação, dentre os quais, as línguas (empírico).

Enquanto sistemas de representação, as línguas naturais têm propriedades que lhes são específicas, tais como a linearidade e a existência de um constituinte após o outro. A língua, na reflexão culioliana, apresenta-se sob a forma de textos e cada texto representa formas de arranjos e configurações que vão, à primeira vista, variar de uma língua para outra, mas das quais se poderá, num dado momento, procurar as regularidades (Culioli, 1976, p.9). Assim, define-se como língua as configurações e os agenciamentos linguísticos específicos produzidos e reconhecidos pelos sujeitos na forma de textos orais ou escritos, que são os materiais acessíveis ao linguista. Na teoria das operações predicativas e enunciativas, o objeto de estudo do linguista não é estável e imutável, e também não se ignoram a linguagem e a fala. O ponto de vista linguístico que Culioli adota cria uma nova maneira de se fazer linguística: o olhar do linguista deve pairar sobre a relação entre a atividade de linguagem e as línguas. Ressalta-se, ainda, que a atividade de linguagem em sua relação com as línguas não exclui aquilo que se convencionou chamar de deformação, como a metáfora - tratada como resultado de uma deformação criativa e, portanto, positiva – e os erros, vistos como falha de comunicação e, portanto, classificados como uma deformação negativa. Todas as “mudanças de forma”, modo como deve ser compreendida a palavra deformação aqui, são interessantes à teoria culioliana e não são por ela tratadas como exteriores à atividade de linguagem ou como exceções. Qualquer expressão verbal que constitua um enunciado pode transformar-se em material de estudo, uma vez que na teoria enunciativa o objetivo é analisar as marcas linguísticas como rastros de operações de linguagem. Se assim não for, retira-se da atividade

de linguagem tudo o que é exatamente a atividade da linguagem com todos os seus ajustes de um enunciador a outro (Culioli, 1976, p.20).

A proposta de Culioli é fazer uma teoria geral da produção e do reconhecimento por intermédio dos textos, pois a atividade de linguagem remete a uma atividade de produção e de reconhecimento de formas, logo, essas formas não podem ser estudadas independentemente dos textos e os textos não podem ser independentes das línguas (Culioli, 1990, p.14).

### Noção e domínio nocional

O que permite distinguir ou relacionar as propriedades marcadas em tantas relações enunciativas é o fato de que estas propriedades prendem-se sempre a domínios que têm o estatuto de lugares híbridos, uma vez que as emprestam ora do cultural, ora do senso comum, ora da experiência de mundo e, por esse motivo, oferecem autenticidade às propriedades em questão. Esses domínios são as fontes da categorização dos objetos e dos fenômenos do mundo e, enquanto tais, têm o estatuto de domínios nocionais. Em outras palavras, uma noção poderá se definir à medida que ela permite a criação de um domínio de sentido, de referência e, ao mesmo tempo, ela só será operatória na atividade linguagística se legitimar relações predicativas que visem a constituir esse domínio. Toda ocorrência de linguagem referindo-se a um domínio é, no mesmo instante, forma de manipulação e trabalho sobre a representação intracultural desse domínio. Isso implica no modo de construção desses domínios e será preciso distinguir entre ocorrências lingüísticas e ocorrências fenomenológicas. As últimas são sempre tributárias das formas e das modalidades de nossas aprendizagens do mundo, mas tais modalidades serão ponderadas de modo diferente segundo as culturas. O domínio nocional evoca a idéia de conteúdo de pensamento, por um lado, reunindo objetos de conhecimento e, por outro, colocando-os em relação para efetivamente representar certa relação entre eles. Essa relação será sempre aquela que o enunciador escolhe. Assim, é formado um esquema: objetos são escolhidos, propriedades lhes são atribuídas e, finalmente o conjunto é composto, organizado e estruturado. O resultado se traduzirá segundo uma composição de significações delimitadas em relação a outras (não delimitadas). Com base nisso, pode-se falar em fronteira, interior e exterior de um domínio. Tudo é focalizado em direção a uma espécie de centro do domínio, que será o alto grau da noção.

Como a proposta faz parte de um projeto mais extenso, este trabalho abrangerá em princípio a técnica da análise de conteúdo de modo que seja possível verificar a estratégia de composição dos textos analisados: O primeiro, retirado de um livro didático referente ao 3º ano do ensino fundamental. O segundo, retirado de uma coletânea de redações escolares produzida a partir de um concurso de tema “Planeta Terra, Nossa Casa”.

### O texto didático

Observou-se no período de seleção do texto, que envolveu uma busca inicial que não especificava a série escolar. Procurou-se apenas, neste primeiro momento, observar o material fornecido por uma única franquia escolar. Buscava-se textos que abordassem um assunto voltado aos parâmetros definidos na temática da sustentabilidade.

Ficou notório que o material é montado de forma compartimentada, ou seja, cada assunto era tratado especificamente na disciplina apropriada ao tema. Assim, ao contrário do gostaríamos de ter encontrado, temas como “meio ambiente”, “cuidado com a natureza”,

“práticas sustentáveis”, entre outros, só eram encontrados no conteúdo destinado ao estudo de Ciências. Os textos de Língua Portuguesa seguiam uma temática fixa por apostila. Na analisada, por exemplo, o tema geral era “bichos”. Assim, todos os textos falavam de alguma forma a respeito de animais: bicho de estimação, tipos de bichos, poesias com bichos etc.

Dessa forma, o texto abaixo foi retirado do conteúdo de Ciências:

“A população tem aumentado muito ao longo dos anos. Isso implica a construção de novas casas, o aumento da criação de animais e o cultivo de mais vegetais para dar de comer a tanta gente. Da mesma forma aumenta a necessidade de produzir mais energia para as necessidades do dia-a-dia das pessoas.

Mas pode haver prejuízos ao meio ambiente se a ação humana não ocorrer de forma planejada e adequada. Entre os prejuízos ao ambiente temos o desmatamento, o desaparecimento de muitas espécies de animais e vegetais, a poluição e o aumento de algumas doenças.”

Observa-se que o texto tem características informativas, não recorrendo a recursos estilísticos para a composição da informação. Encontramos aí as seguintes ocorrências que relacionam o texto ao tema sustentabilidade.

Ocorrência	Consequências
Aumento da população	Necessidade de mais construções e mais alimentos - mais terra para pasto e plantio .
Produção de mais energia	Aumento no consumo
Ação humana sem planejamento	Desmatamento – desaparecimento de espécies - poluição - doenças

É importante verificar que o texto possui uma visão correta de sustentabilidade, uma vez que cita a necessidade do planejamento. Se assim não fosse, a noção de sustentabilidade daria lugar ao conceito mais antigo de consciência ecológica, ou seja, haveria a disponibilização da informação, mas não uma prospecção de futuro e planejamento.

Por outro lado, percebe-se que o texto não é oferecido em um espaço dialógico, cabendo ao aluno a compreensão e aquisição dos dados.

O texto seguinte foi extraído de uma coletânea resultante de um concurso cultural promovido pela Academia de Letras da cidade de São João da Boa Vista junto às escolas da cidade. O tema geral do concurso foi Planeta Terra, Nossa Casa. O texto escolhido foi feito por aluno do 3º ano do ensino fundamental.

“A importância do meio ambiente em nossa casa

Na minha casa cuidamos muito do meio ambiente!

No meu quintal tem vários insetos como: borboletas, besouros, joaninhas e abelhas. Todo dia vou ao quintal para vê-los.

Eu dou água para as flores, folhas e para os insetos.

Gosto muito dos insetos, por isso não mato nenhum animal da natureza!

Agora vamos falar da reciclagem.

Na minha casa separamos o lixo. Separamos o lixo orgânico, metal, vidro, plástico e papel.

Nunca jogamos lixo na rua e a minha casa é sempre limpa!

Um dia plantei uma plantinha super bonita e fiquei pensando o quanto seria bom quando ela virasse uma árvore.

As árvores são muito importantes para o meio ambiente, sem as árvores nós estaríamos todos mortos.”

Observa-se nesse texto que a noção de sustentabilidade aparece atrelada a alguns temas de forma direta, e a outros, de forma indireta:

Noção de sustentabilidade	Direta	Indireta
Cuidar do meio ambiente	X	
Ter insetos no quintal		X
Dar água para as flores		X
Separar o lixo	X	
Não jogar lixo na rua	X	
Ter a casa limpa		X
Plantar uma árvore	X	

Consideramos relação direta os temas mencionados no conceito original de sustentabilidade, ou seja, que remeta a um cuidado com as necessidades do presente sem comprometer as necessidades das gerações futuras. Assim, consideramos que “Ter insetos no quintal; dar água para flores e ter a casa limpa” está mais atrelado à concepção ecológica de simpatia e cuidado com a natureza e não, necessariamente, ao compromisso com futuras gerações.

Em outro texto, pertencente a aluno do mesmo período escolar, porém de escola diferente, temos observações semelhantes:

“ Na minha casa cuidamos do meio ambiente

Minha mãe sempre me fala:

Não jogue o lixo no terreiro, pois pode matar as plantas e poluir.

Ela diz que o meu avô usa comida para fazer adubo, ele enterra e diz que é legal fazermos isso também.

Meu avô diz que não pode fazer queimada, porque mata os animais e a fumaça é ruim para o ambiente, pois tudo morre.

Minha mãe fala para eu não deixar a luz ligada durante o dia e para fechar a torneira quando eu não uso.

É assim que nós cuidamos do meio ambiente e da natureza.”

Neste texto observamos que a noção de sustentabilidade está ligada a temas semelhantes aos anteriores, mas acrescido de outros:

Noção de Sustentabilidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não jogar o lixo em qualquer lugar</li> <li>• Transformar lixo orgânico em adubo</li> <li>• Não fazer queimadas</li> <li>• Não deixar a luz ligada (economia de energia)</li> <li>• Fechar a torneira (consumo sustentável)</li> </ul>
---------------------------	---

Ainda em fase inicial de observação linguística na proposta de observação das noções, é possível perceber que a noção de sustentabilidade ainda passa por um momento migratório, que oscila entre o conceito antigo de consciência ecológica - mais ligado à preservação

ambiental por questões ideológicas – e o conceito moderno de desenvolvimento sustentável – que inclui não só o cuidado com o meio ambiente, mas também a ideia de compromisso para com gerações futuras, de preservação para a sobrevivência, abrangendo os níveis pessoal, social e governamental.

Entre os textos estudados, temos, assim, no centro da noção de Sustentabilidade, “a necessidade de ações planejadas” (texto didático); “separação do lixo” e “plantio de árvores” (texto escolar 1); e “reciclagem do lixo”, “economia de energia não renovável” e “consumo sustentável da água” (texto escolar 2). Todos esses conceitos envolvem ações do presente voltadas para um planejamento de futuro, compatível com o conceito de sustentabilidade.

Por outro lado, ficam na fronteira da noção de sustentabilidade os conceitos próximos à consciência ecológica, sem assunção de compromisso como “amar os animais”, “aguar as plantas”. Chegam ao exterior da noção “o manter a casa limpa”, da maneira como foi usado no texto, mas voltado para a convivência social.

Conclui-se que o texto didático com o tema de sustentabilidade pode ser usado além da aula de Ciências. No trabalho de leitura e produção de texto o estudo das noções possibilitaria o desenvolvimento do conceito e sua ampliação – porque sustentabilidade vai muito além da reciclagem do lixo e da economia da água nas casas!

Porém, como o texto é trabalhado fora do ambiente de produção, o aluno é estimulado a desenvolver o tema apenas em situações específicas, como no caso do concurso.

A continuação da pesquisa procurará mostrar de forma prática como conciliar a noção de desenvolvimento sustentável de forma mais ampla dentro do ambiente das aulas de Língua Portuguesa.

#### Referências

ALMEIDA, F. **O Bom negócio da sustentabilidade**. Disponível em : [www.fae.br/mestrado](http://www.fae.br/mestrado). Acesso em 15 de abril de 2012.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation. Domaine Notionnel**. Tome III. Paris : Ophrys, 1999b

NOBRE, M.; AMAZONAS, M. (orgs.) **Desenvolvimento sustentável: a institucionalização de um conceito**. Brasília: Ed. Ibama, 2002.

REZENDE, L.M. **Léxico e Gramática: aproximação de problemas lingüísticos com educacionais**. Araraquara, 2000. V 1. Tese de livre docência. Faculdade de Ciências e Letras-UNESP.